

DE BALI ÀS TERRAS GRAPIÚNAS: REPRESENTAÇÕES CULTURAIS NAS BRIGAS DE GALO

Rita Lírio de Oliveira*

RESUMO

Este artigo tem como propósito a análise comparativa entre o relato de Clifford Geertz sobre a briga de galos balinesa e o conto *Briga de Galo*, integrante do livro *O Tempo é Chegado*, de Euclides Neto. Considerando as acepções de Clifford Geertz (1989), Moscovici (2003) e Wolfgang Iser (1996), acerca de cultura e representação, investiga-se como as brigas de galo se tornam pontos de representação. Analisa-se, também, o papel exercido pelo simbólico na construção do real para a sociedade balinesa e, na ficcionalização do real, para a sociedade grapiúna.

PALAVRAS-CHAVE: Representação. Cultura. Ficção. Euclides Neto.

INTRODUÇÃO

“É na aparência que os galos brigam ali – na verdade, são os homens que se defrontam”. (GEERTZ, 1989, p. 283). Esta citação resume o célebre estudo *Uma briga absorvente: Notas sobre a briga de galos balinesa*, realizado por Clifford Geertz, na sua obra *A interpretação das Culturas*, publicado originalmente em 1973. O antropólogo americano denota o papel exercido pelo simbólico na construção da realidade, haja vista a importância dessa luta na estruturação da própria sociedade balinesa, já que é por meio do embate entre galos que Bali se revela.

Bali é uma das 13.667 ilhas da Indonésia, abrigando a quase totalidade da população hindu naquele país. Conhecida por suas manifestações culturais (dança, escultura, pintura, música), tornou-se o principal destino turístico do lugar, atraindo não só turistas como estudiosos das diversas áreas das Ciências Sociais, entre eles o próprio

* Mestranda em Linguagens e Representações pela UESC. Grupo de Pesquisa Identidade Cultural e Expressões Regionais – ICER. Professora de Língua Portuguesa e Literatura. E-mail: rita_lyrio@hotmail.com



Geertz, que pode confirmar as suas noções sobre cultura, num contexto antropológico peculiar.

O referido estudo é o resultado de uma intensa viagem que Geertz fez, em 1958, à ilha de Bali, onde pretendia realizar pesquisas antropológicas, com especial enfoque na maneira como aquela aldeia de 500 habitantes constituía o seu próprio mundo. Após dez dias entediantes, o antropólogo se deparou com a organização de uma briga de galos em plena praça pública, encontrando ali o seu *locus* de investigação e de análise, dada a profunda e incontestável identificação psicológica que há entre os homens balineses e os seus galos gladiadores.

Numa literatura comparativa, este artigo objetiva relacionar o estudo de Geertz sobre a briga de galos balinesa com a narrativa ficcional intitulada *Briga de Galo*, do escritor baiano Euclides Neto, integrante do seu livro de contos *O tempo é chegado*, publicado postumamente em 2001. Isto porque, da mesma forma que a sociedade balinesa se identifica e se revela na briga de galos daquela ilha, Euclides encontra no embate similar entre os galos daqui, traços que identificam e representam a própria cultura da sociedade da região cacaueira sul-baiana.

GALOS BALINESES

Atenta-se aqui para o fato de que o significado é produzido e reproduzido dentro de determinada cultura. Por sua vez, a cultura é entendida como um conjunto de práticas que formam o sentido de ação, uma vez que incorpora um sujeito capaz de criar e agir sobre as coisas. Nessa compreensão, Geertz (1989) introduz o conceito semiótico de cultura como uma ciência interpretativa à procura do significado, fulcrada no entendimento weberiano, para o qual o homem só é capaz de viver em um mundo que para si seja dotado de sentido.

Desse modo, a cultura é uma teia de significados que os homens tecem e a ela se prendem, à medida que mantêm interações cotidianas que influem diretamente nas suas ações sociais. Igualmente, ela é como um texto ou um conjunto de textos que os indivíduos leem e interpretam ao longo dos acontecimentos sociais.

Adiante, Geertz afirma que,

como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (o que eu chamaria símbolos, ignorando as utilizações provinciais), a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade (GEERTZ, 1889, p. 24).

O antropólogo ainda esclarece que a cultura não são cultos e costumes apenas, mas as estruturas de significado por meio das quais os indivíduos dão forma à sua experiência. Ressalta-se que a representação é uma construção ideológica e mental que se compartilha socialmente. Isto denota a própria interação que os indivíduos mantêm com a representação, tomada por meio da compreensão das estruturas e dos comportamentos sociais dos indivíduos.

Nas palavras de Moscovici (2003, p. 37), "enquanto essas representações, que são partilhadas por tantos, penetram e influenciam a mente de cada um, elas não são pensadas por eles; melhor, para sermos mais precisos, elas são re-pensadas, re-citadas e re-presentadas".

O conceito de cultura formulado por Geertz conflui com o conceito de representação, já que ambos partem da semiologia, também chamada de ciência geral dos signos, já que estuda todos os fenômenos culturais com se fossem sistemas de signos ou de significação. A semiologia tem por objeto qualquer sistema de signos, a saber: imagens, vestuários, ritos, etc.

Dentre esses sistemas de signos, Geertz toma como objeto de investigação e análise um rito – a briga de galos na ilha de Bali –, o qual o antropólogo denominou de *uma briga absorvente*, buscando confirmar o seu conceito semiótico de cultura, pois, da descrição densa desse evento tão particular, pode-se representar toda a sociedade balinesa, em que a disputa se encontra contextualizada.

No transcorrer da sua análise, Geertz, a princípio, apressa-se em denotar a importância da briga de galos para os homens balineses, ao comparar que estes se revelam em tal “esporte”, como a América do Norte se revela num campo de beisebol, num campo de golfe, numa pista de corridas ou em torno de uma mesa de pôquer, e de que maneira eles se sentem representados pelos galos como se fossem os próprios ali lutando, numa identificação psicológica incontestável.

Mais do que animais gladiadores, os galos se tornam símbolos da virilidade masculina balinesa e referência do valor moral e social de cada indivíduo perante os seus semelhantes. Assim, um homem janota é comparado a um galo sem rabo que tenta se comportar como se fosse um pomposo pavão; um indivíduo desesperado é como se

fosse um galo moribundo na iminência de ser destruído por seu oponente; um avarento é como o galo que, seguro pelo rabo, pula de encontro a outro, sem êxito; um tímido é comparado ao galo lutador engaiolado pela primeira vez. De igual forma, qualquer disputa social é comparada às brigas de galos, e o contorno geográfico da ilha é percebida na forma de um galo imponente e viril. Por essas identificações entre homens e galos, levaram o antropólogo a afirmar que “é na aparência que os galos brigam ali – na verdade, são os homens que se defrontam”. (GEERTZ, 1989, p. 283).

Geertz (ibid., p. 285) ainda alerta que,

a intimidade dos homens com seus galos é mais do que metafórica. Os homens balineses, ou grande maioria deles pelo menos, despendem um tempo enorme com seus favoritos, aparando-os, alimentando-os, discutindo sobre eles, experimentando-os uns contra os outros, ou apenas admirando-os, com um misto de admiração embevecida ou uma auto-absorção sonhadora

Os homens balineses se declaram loucos por seus galos. Nessa loucura, todavia, ainda que os galos sejam expressões simbólicas, extensão da personalidade dos seus donos ou o narcisismo do ego masculino, eles representam expressões daquilo que os balineses têm mais aversão: a animalidade. Assim, todo ato ou comportamento que para os balineses estejam associados às ações ou comportamentos dos animais (comer, defecar, levar uma queda, ser desastrado), é tomado quase como obsceno, devendo ser feito às pressas e o mais particular possível.

Todos os animais são repudiados pelos balineses, exceto os galos e alguns outros domésticos, como bois e patos. Os cães são tratados com uma “crueldade fóbica”. A exceção aos galos se dá em virtude de que, ao se identificarem com essa ave, os balineses se identificam com o seu eu ideal, com seu pênis (símbolo da virilidade masculina), bem como se identifica “com aquilo que ele mais teme, odeia e, sendo a ambivalência o que é, o que mais o fascina – ‘Os Poderes das Trevas’” (ibid., p. 286).

Geertz esclarece que a briga de galos é para os nativos, em primeiro lugar, um sacrifício de sangue oferecido aos demônios que constantemente ameaçam invadir as suas aldeias, onde erigiram as suas vidas, para devorar seus habitantes. Desta forma, nenhum evento no templo deve ser iniciado até que o ritual seja realizado.

Para melhor entendimento dessas concepções sócio-religiosas dos balineses, cabe ressaltar que a Indonésia, em sentido amplo, é herdeira de tradições polinésias, islâmicas, índicas, chinesas e européias, dispondo proporcionalmente de mais símbolos hieráticos do que qualquer outra localidade no mundo, o que caracteriza a sua sociedade

como pandourrinária e a sua cultura, dada a densidade e variedade do referencial simbólico, um “torvelinho de metáforas e imagens” (GEERTZ, 1989, p. 209).

Prosseguindo na descrição do caráter indissociável da relação que há entre os homens balineses, os galos e o ritual que os manieta, numa espécie de maniqueísmo, Geertz dá o seguinte relato impressionante:

Na briga de galos, o homem e a besta, o bem e o mal, o ego e o id, o poder criativo da masculinidade desperta e o poder destrutivo da animalidade desenfreada fundem-se num drama sangrento de ódio, crueldade, violência e morte. Não é de admirar que, como é regra invariável, quando o proprietário do galo vencedor leva a carcaça do perdedor – muitas vezes com os membros arrancados, um por um, por seu proprietário enraivecido – para comer em casa, ele o faz com um misto de embaraço social, satisfação moral, desgosto estético, e alegria canibal. Ou que um homem que tenha perdido uma luta importante seja impelido, às vezes, a arrebentar seu santuário familiar e amaldiçoar os deuses, um ato de suicídio metafísico (e social). Ou que, na busca de analogias terrestres para o céu e o inferno, os balineses comparem o primeiro à disposição de um homem cujo galo acaba de vencer e o último à de um homem cujo galo acaba de perder (ibid., p. 287).

Sobre a mecânica da briga em si, em sentido raso, esta consiste em se pôr numa rinha (espécie de arena), para o cruel enfrentamento, dois galos gladiadores, ambos devidamente armados com seus esporões afiados com lâminas, espadas de pontas de aço, com quatro ou cinco polegadas de comprimento. A regra simples é um dos oponentes dar cabo do outro de forma inclemente, até a morte, valendo a premissa de que se o outro lutador ainda pode andar, pode lutar, e se pode lutar, pode matar. Sem contar que a “graça” desse esporte é saber qual galo morre primeiro.

Tudo isso é acompanhado por uma plateia atônita, quase que em silêncio absoluto, cada um se movimentando, gesticulando, como se os animais fossem a extensão de seus próprios corpos, como se fossem eles que estivessem na rinha lutando até a morte.

Numa sociedade altamente imaterial como a balinesa, o valor monetário das apostas não vale mais do que outros valores intrínsecos que se coloca em risco, quando se aposta e o quanto se aposta. Os homens colocam o seu dinheiro onde está o seu *status*. Assim, mais do que o dinheiro que se ganha ou que se perde, os homens se submetem aos riscos de perder, publicamente, orgulho, pose, masculinidade, dentre outros, criando uma espécie de “jogo de *status*” numa hierarquia sócio-moral. Nas palavras de Geertz (ibid., p. 303), “o que torna a briga de galos balinesa absorvente não é o dinheiro em si, mas o que o dinheiro faz acontecer, e quanto mais dinheiro, mais acontece”.

Por fim, o antropólogo chega à seguinte conclusão acerca da briga de galos que observara amiúde, tomando por termo o provérbio de que cada povo ama a sua própria forma de violência:

A briga de galos é a reflexão balinesa sobre essa violência deles; sobre sua aparência, seus usos, sua força, sua fascinação. Recorrendo a praticamente todos os níveis da experiência balinesa, ela reúne todos os temas – selvageria animal, narcisismo machista, participação no jogo, rivalidade de *status*, excitação de massa, sacrifício sangrento – cuja ligação principal é o envolvimento deles com o ódio e o receio desse ódio (GEERTZ, 1989, p. 317).

GALOS GRAPIÚNAS

O relato analítico-descritivo realizado por Geertz, acerca da briga de galos balinesa, permite tecer a análise, numa literatura comparada, da briga de galos da narrativa ficcional de Euclides Neto, intitulada justamente *Briga de galo*, a considerar as suas semelhanças e diferenças, já esperadas devido às especificidades de cada sociedade e de tudo que envolve os jogos em si.

A começar pela própria natureza de cada texto, uma vez que o relato de Geertz advém de uma análise de fatos sociais reais, baseada na observação *in loco* do estudioso, enquanto a narrativa euclidiana é uma ficção, cujo caráter intrínseco ressalva que o mundo apresentado pelo escritor é uma representação do real, e não o real propriamente dito, ainda que seja tomado como se fosse real. Como muito bem esclarece Iser (1996, p. 24):

O texto ficcional contém muitos fragmentos identificáveis da realidade, que, através da seleção, são retirados do contexto sócio-cultural, quanto da leitura prévia ao texto. Assim, retorna ao texto ficcional uma realidade de todo reconhecível, posta entretanto sob o signo do fingimento. Por conseguinte, o mundo é posto em parênteses, para que se entenda que o mundo representado não é o mundo dado, mas que deve ser entendido como se o fosse.

Seguindo a comparação entre os dois embates, basicamente eles se assemelham (a despeito de cada um possuir suas regras próprias), no que tange à essência do esporte: dois galos lutadores são postos frente a frente para se digladiarem, numa espécie de arena, chamada rinha, cada qual armados de esporões sanguinários, diante de uma platéia em transe para se deliciar com tamanha violência. Em via de regra, os valores

sócio-morais, bastante discutíveis, estão presentes em ambos os jogos: fama, *status*, masculinidade, supremacia, escárnio, ambição, exibicionismo, cobiça.

Enquanto Geertz se refere aos galos de forma genérica, Euclides pauta a sua narrativa num embate (ou *rebolo*, como mesmo diz) específico entre dois galos distintos, na cidade de Ipiaú, região cacaueira sul-baiana:

Gladiadores que aparecem ali já estão consagrados. Não era pra qualquer galinho-terra. Naquele dia, além de muitos, dois chamavam a atenção: um pela qualidade da fama e raça, o outro pelo dinheiro que o dono arriscaria nas apostas, segundo correu logo a notícia. Arranca Olho e Lampião iriam se enfrentar (NETO, 2001, p. 31).

A própria descrição de ambos os lutadores, permite verificar que outras questões estão em jogo, muito mais do que a simples luta sangrenta entre as duas aves. Cada galo traz em si significações com as quais os homens grapiúnas se identificam e tomam pra si (pontos de identificação), como se fossem eles que ali estivessem lutando, vencendo ou perdendo, sobrevivendo ou morrendo, do mesmo modo que os balineses. Primeiramente, a descrição do galo Arranca Olho, “o perverso”, que

vinha de linhagem pura, japonês, elegante e fidalgo. Desde os avós. Nasceu em chocadeira, passou ao berçário, luz elétrica no lugar do calor cheiroso da mãe, ração no balanço de alimentos finos. Ainda buguelo, foi separado dos irmãos, porque brigavam entre si de arrancar o couro da cabeça, até aparecer o miolo – raça feroz. [...] Arranca Olho também viajara de avião no tempo que fazendeiro de cacau era gente e tinha bimotor cruzando os ares como andorinhas, nas traquinices de mostrar dinheiro e fazer figura (NETO, 2001, loc. cit.).

Já, do galo Lampião, diz-se que

nasceu no mato, atrás de umas pedras, no escondido do trançado da moita de joá-mirim. Quando a galinha mãe chegou ao terreiro com a ninhada, a dona, agregada do seu Joventino, só fez jogar uns punhados de crueira já fermentada. Bem verdade que era filho de um pernambucano posto na criação, mais pra botar carne que para deixar raça de briga (ibid., p. 32).

Deste modo, foram postos em combate, de um lado, o galo de estirpe que traz em si o espírito beligerante e assassino, representando a elite cacaueira dominadora e dona dos cacaús, terras e riquezas que da região se podia extrair, contra, do outro lado, o “galo-terra” (pé-duro), que nascera apenas para alimentar os homens, representando a plebe miserável e desesperançosa, constituída pelos trabalhadores braçais.

Mesmo tratando a região cacaueira como um todo, o escritor direciona um pouco mais as significações, quando esclarece que Arranca-Olho representa a cidade de Ipiáú, enquanto Lampião, a de Camacã, criando e explicitando rivalidades entre nichos populacionais dentro de determinado universo geocultural.

Ao contrário dos balineses que tomavam a briga mais como um ritual de sacrifício sangrento oferecido aos demônios, Euclides pauta a briga que narra no mote do embate injusto entre a elite cacaueira e o povo subjugado social e economicamente. Arranca Olho com todas as mordomias e preparo que só um gladiador afamado poderia ter, contra o miserável Lampião, que jamais fora preparado para guerrear, apenas para lutar contra a pobreza e a fome, numa época em que a produção de cacau já se encontrava em crise.

Por outro lado, Euclides não deixa de criar o arquétipo maniqueísta de que ali na rinha se enfrentam duas forças antagônicas, o bem contra o mal, o pobre contra o rico, o oprimido contra o opressor, assim como se vê nas brigas de galos balinesas, fruto provavelmente da formação político-ideológica socialista do escritor, refletida na sua verve literária, típica do regionalismo modernista que buscava denunciar o estado de penúria em que vivia o povo excluído.

Como bom engendrador de histórias, Euclides deixa algumas mensagens subliminares, a exemplo dos nomes dados aos galos-personagens da sua narrativa: Arranca-Olho, essencialmente violento e brutal, que não demonstra nenhuma compaixão a quem ousasse desafiá-lo; Lampião, uma óbvia referência a Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião, o rei do cangaço nordestino, que – a despeito de ter sido tão violento, brutal e sem compaixão quanto o Arranca-Olho –, é tido como representante dos oprimidos e seu libertador.

Iniciado o rebolo, a injusta disparidade técnica logo se vê: “Colocaram em Arranca-Olho os punhais de aço no lugar dos esporões. Forraram o bico no mesmo consoante. Lampião mal levava a devoção a São Francisco de Assis” (NETO, 2001, p. 33). Assim, foram quinze minutos de flagelo do galo Lampião, ante os golpes inclementes de Arranca- Olho, diante da platéia exultante.

Porém, como nas melhores histórias de super-herói, que sofre todos os infortúnios durante a peleja, para no fim, quase morto, contra-golpear milagrosamente o seu algoz, Lampião consegue vencer Arranca-Olho, até porque “galo daquela raça não corre”, como o sertanejo nordestino que antes de tudo é um forte.

O que vem depois é o que mais se assemelha com a briga balinesa: a desmoralização do vencido:

Aconteceu a mais vergonhosa derrota que já se viu em briga de galo. Arranca-Olho, já agora arranca-coisa-nenhuma, sendo abaixado como uma franga donzela. Lampião soltou o cato mais longo e forte da sua vida. Nem o pessoalzinho da ponta de rua que levava as vítimas às panelas quis comer aquela carne desmoralizada (NETO, 2001, p. 34).

No fim, Euclides revela a saga que foi a vida de Lampião até ali, antes de enfrentar Arranca-Olho, quando precisou descobrir meios de sobreviver ante tantas provações que a vida de miserável lhe impôs, como ocorre a todo homem igualmente miserável. Sem dúvida, esta é a maior significação da metáfora que o escritor faz correr nas entrelinhas do seu texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato de Geertz sobre as brigas de galos balinesas e a narrativa de Euclides Neto sobre o mesmo objeto, todavia em terras grapiúnas, permitem entender os processos de significação que experimentam os indivíduos quando em contato com tais práticas culturais, que acabam por se tornar representações desses próprios indivíduos e da cultura que fazem parte.

Fica claro que tanto a sociedade balinesa como a sociedade grapiúna se revelam nas brigas de galos que popularmente as fazem acontecer, de maneira que se tornam expressões do humano e do social, contribuindo também para as construções da identidade desses grupos sociais.

Evidentemente, os processos de representação ocorridos e apresentados em ambos os textos são construções discursivas parciais, haja vista que cada sociedade pode elaborar várias outras significações que a representem. No caso das brigas de galos, a demanda é essencial e praticamente masculina, uma vez que são os homens que buscam tal prática cultural como lazer e esporte, além dos processos intrínsecos que experimentam até mesmo sem se darem conta, como a confirmação da sua virilidade e masculinidade, da sua posição social, econômica e moral perante seus semelhantes.

Enfim, os indivíduos balineses e grapiúnas atribuem às suas brigas de galo múltiplos significados, extrapolando as condições de ritual, esporte ou lazer. São as suas próprias culturas, seus modos de ser e de constituir os seus mundos particulares que

estão ali representados. Em suma, muito do que trazem de bom e de ruim dentro de si mesmos.

REFERÊNCIAS

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

ISER, W. **O Fictício e o Imaginário**: perspectivas de uma antropologia literária. Tradução de Joahnnnes Kretschmer, Rio de Janeiro : EdUERJ, 1996.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**. Investigações em psicologia social. Petrópolis, Vozes, 2003.

NETO, E. **O tempo é chegado**. Ilhéus: Editus, 2001.